

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

2

Francisca Júlia Camargo Dresch
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Francisca Júlia Camargo Dresch
(Organizadora)

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas
2 [recurso eletrônico] / Organizadora Francisca Júlia Camargo
Dresch. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Impactos
das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v.2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-75-8
DOI 10.22533/at.ed.758180511

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.
I. Dresch, Francisca Júlia Camargo. II. Título.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Me coube a apresentação deste exemplar cuja tarefa é a de estabelecer uma linha de raciocínio dos textos que aqui constituem os 25 capítulos desta obra. Após a leitura cuidadosa dos artigos submetidos, procurei conexões entre os contextos e as dimensões que poderiam sequenciar as discussões – trouxe a reflexão Sociológica que definem a vida humana na Terra através da produção de bens e serviços, refletidas na organização social, econômica, política, histórica, educacional, ambiental, cultural expressas pelas relações biopsicossociais do humano em seus ambientes.

Deste modo, poderíamos interrogar se nascemos ou nos tornamos humanos? A pergunta nos remete primeiramente a reflexão filosófica – em que momento inicia a vida sabendo que dependerá da abordagem selecionada, não há uma definição única que seja capaz de defini-la assertivamente. Podemos tentar explicar pela Religião, pelo Direito, e/ou pelas Correntes Filosóficas. Então, simplificamos vida é o oposto da morte, resulta do movimento contraditório que repousa na certeza de que vivendo estamos nos aproximando da morte. E para as ciências sociais, nascemos biologicamente humanos e nos tornamos humanos ao viver em sociedades e, nelas aprendemos agir moral e eticamente.

O desenvolvimento tecnológico atual nos situa na Era da Informática e das Comunicações. Tais características têm possibilitado registros inovadores na história humana. Nos interessa pontuar que o paradigma Neoliberal empregado para o permanente crescimento econômico que estabelece os padrões de consumo é o mesmo identificado no esgotamento dos recursos naturais, especialmente ao refletir o distanciamento entre *“os que acumulam, dos que nada possuem”*. Ora se o Planeta dá sinais de esgotamento e se as relações sociais apontam para a exploração sem precedentes, nos parece lógico também pensar na responsabilidade social como alternativa de sustentabilidade entre o educar para produzir e o papel das tecnologias para desenvolver a cidadania.

Portanto a obra Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2, defende que a vida é patrimônio a ser preservado. Reúne debates acerca de pesquisas empregadas nas organizações produtivas a partir das políticas que permeiam processos de ensino e aprendizagem das instituições sociais. A cada autor, nossos agradecimentos a submissão de seus estudos na Editora Atena. Aos leitores, desejo proveitosa reflexão na trajetória apresentada

Francisca Júlia Camargo Dresch

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
VANTAGEM COMPETITIVA EMPRESARIAL PELO USO DE SACOS DE PÃES ECOLÓGICOS POR PANIFICADORAS DE QUIXADÁ – CE.	
José Cazuza Lopes Neto Valter de Souza Pinho Marcos James Chaves Bessa Sérgio Horta Mattos Danielle Rabelo Costa	
CAPÍTULO 2	10
A GOVERNANÇA AMBIENTAL E AS COMPRAS PÚBLICAS SUSTENTÁVEIS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL	
Anaïtes Maria de Moraes Silva Jaíra Maria Alcobaça Gomes	
CAPÍTULO 3	28
A GESTÃO DE COMUNICAÇÃO <i>OMNICHANNEL</i> À PARTIR DOS EFEITOS DA TECNOLOGIA NUMA SOCIEDADE PLURAL, INOVADORA E PARTICIPATIVA.	
Ligia Fagundes	
CAPÍTULO 4	42
ANÁLISE DA PAISAGEM RURAL DO MUNICÍPIO DE MARIALVA – PR: A EMPRESA BSBIOS COMO AGENTE INDUTOR DA PAISAGEM	
Isadora Pinheiro Lucas César Frediani Sant’ana	
CAPÍTULO 5	57
CONSÓRCIO PÚBLICO INTERMUNICIPAL: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL PARA A GESTÃO E O GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS EM PEQUENOS MUNICÍPIOS	
Tassiana Justino Fernandes Maria das Graças de Lima	
CAPÍTULO 6	72
A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, SOB O OLHAR DOS ACADÊMICOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRIVADAS.	
Eudes Cristiano Vargas Larissa Siqueira Camargo Sandra de Cássia Franchini Leticia Grazielle Roque Adriano Pereira Cardoso Dênis Martins de Oliveira	
CAPÍTULO 7	87
A EXPANSÃO DOS CURSOS PRIVADOS PRESENCIAIS DE SERVIÇO SOCIAL EM SALVADOR-BA: IMPACTOS PARA DISCENTES E DOCENTES	
Adriana Freire Pereira Férriz, Taís Ana de Oliveira, Thainan de Albuquerque e Santos,	

CAPÍTULO 8	103
A COLETIVIDADE DOCENTE NA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Paulo Vitor Teodoro de Souza Hélder Eterno da Silveira Iara Maria Mora Longhini	
CAPÍTULO 9	116
O CONTEXTO VIOLENTO DO ESTADO CAPITALISTA E O BULLYING	
Giovanna Back	
CAPÍTULO 10	129
O USO DOS PRINCÍPIOS DO DESIGN DE INTERIORES NA HUMANIZAÇÃO DA CASA DE APOIO	
Rubia Maiara Silva Marcon Larissa Siqueira Camargo	
CAPÍTULO 11	141
TEORIAS DE APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA: UMA ANÁLISE CRÍTICA	
Laysa Cristina de Oliveira	
CAPÍTULO 12	153
USO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM	
Ernane Rosa Martins Wendell Bento Geraldes Ulisses Rodrigues Afonseca Luís Manuel Borges Gouveia	
CAPÍTULO 13	160
O USO DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	
Juliana Santos Alves Paulo Sergio Machado Leila Maria Araújo Santos	
CAPÍTULO 14	168
TECNOLOGIAS MÓVEIS EM CONTEXTO EDUCATIVO	
Ernane Rosa Martins Wendell Bento Geraldes Ulisses Rodrigues Afonseca Luís Manuel Borges Gouveia	
CAPÍTULO 15	178
EVOLUÇÃO DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO COM VÍTIMAS FATAIS EM ADULTOS JOVENS NO NOROESTE PARANAENSE	
Willian Augusto de Melo Maria Antonia Ramos Costa Neide Derenzo Verusca Soares de Souza Maria Dalva de Barros Carvalho	

CAPÍTULO 16	188
BIPOLARIDADE ESTADISTA-IDEOLÓGICA: ELIZABETH I E PONTIFICADO	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
CAPÍTULO 17	195
CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CONVENÇÃO JACOBINA NA REVOLUÇÃO FRANCESA	
William Geovane Carlos	
CAPÍTULO 18	205
ANÁLISE DE TENDÊNCIAS DO CONSUMO MEDIADO POR DISPOSITIVOS DIGITAIS NO MARKETING DE RELACIONAMENTO	
Guaracy Carlos da Silveira Fernando Augusto Carvalho Dineli da Cost	
CAPÍTULO 19	218
<i>CHILD OF THE DARK</i> : A PRESENÇA DA MULHER NEGRA NAS LITERATURAS TRADUZIDAS	
Tayza Cristina Nogueira Rossini Letícia Toniete Izeppa Bisconcim Wellington Júnior Jorge	
CAPÍTULO 20	229
INTERAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA NO BRASIL: MOTIVADORES E OBSTÁCULOS - UM ESTUDO MULTICASOS	
Vivien Mariane Massaneiro Kaniak	
CAPÍTULO 21	240
ANÁLISE DE ATIVIDADES LOGÍSTICAS: ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DO SETOR ALIMENTÍCIO DO NOROESTE PARANAENSE	
Renan Araújo de Azevedo Daniel Mantovani Aline Takaoka Alves Baptista Leandro Ferreira Pinto Amauri Henrique de Carvalho Júnior	
CAPÍTULO 22	252
O PROGRAMA DE EXCELENCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A SISTEMÁTICA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO ESTRATÉGICO NAS ORGANIZAÇÕES ESCOLARES DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA CIDADE DE SARANDI – PR	
Tânia Corredato Periotto Fabiana Azevedo Picanço Tamires Selini Gouveia	
CAPÍTULO 23	259
ESTUDOS DA LITERATURA SOB A VERTENTE DO LETRAMENTO: A LENDA DE RUFF GHANOR E O UNIVERSO MULTIMODAL	
Letícia Toniete Izeppa Bisconcim Tayza Cristina Nogueira Rossini Wellington Júnior Jorge	

CAPÍTULO 24271

ESPORTE, MÍDIA CONTEMPORÂNEA E (IN)VISIBILIDADE SOCIAL: ATUAÇÃO PROFISSIONAL COM AUXÍLIO DAS REDES SOCIAIS

Bruno Bember Lofiego
Afonso Antônio Machado

CAPÍTULO 25282

A CULINÁRIA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ: ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO E A INFLUÊNCIA CULTURAL DAS COMIDAS TÍPICAS

Renan Valério Eduvirgem

SOBRE A ORGANIZADORA.....291

CHILD OF THE DARK: A PRESENÇA DA MULHER NEGRA NAS LITERATURAS TRADUZIDAS

Tayza Cristina Nogueira Rossini

Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR)

Maringá – Paraná

Letícia Toniete Izeppa Bisconcim

Centro Universitário Uningá (UNINGÁ)

Maringá – Paraná

Wellington Júnior Jorge

Centro Universitário Uningá (UNINGÁ)

Maringá – Paraná

RESUMO: A representatividade da literatura de autoria feminina vem se consolidando no cenário da literatura brasileira e, com o passar dos anos, vem ampliando a gama das representações literárias tradicionais. Contudo, no cenário internacional, poucas vozes femininas ainda são reconhecidas via tradução e o número de obras traduzidas para a língua inglesa ainda é muito inferior em relação ao restante da literatura produzida. Ainda que as vozes femininas estejam ganhando visibilidade no cenário da literatura internacional por meio de textos traduzidos para língua inglesa observa-se que o espaço reservado à escrita gênero é muito inferior ao restante do espaço reservado à veiculação de textos produzidos por escritores homens. As traduções desses textos contribuem para os estudos da tradução, bem como para a observação de como as traduções

desempenham um papel muito importante no contato entre culturas distintas. O romance *Child of the dark* (1962) possibilita a reflexão sobre a representação da escrita feminina negra brasileira dentro e fora do país bem como a observação de um processo tradutório que vai além das margens do texto escrito.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de autoria feminina; Tradução; *Child of the dark*.

ABSTRACT: The literature produced by women is being consolidated in the Brazilian literature scenario and is increasing the traditional literary representations. However, on the international scenario, few women's voices are still recognized via translation and the number of texts translated into English is still much lower than the rest of the literature produced. Although the female voices are gaining visibility in the international literature scenario through texts translated into English language, it is observed that the space reserved for a genre production is much lower than the rest of the space reserved for the publication of texts produced by male writers. The translation of these texts contributes to the study of translation as well as to the observation of how translations play a very important role in the contact between different cultures. The novel *Child of the Dark* (1962) makes possible the reflection on the representation of the Brazilian black feminine writing inside and outside the

country as well as the observation of a translation process that goes beyond the margins of the written text.

KEY-WORDS: Female Authorship; Translation; *Child of the dark*.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A representatividade da literatura de autoria feminina vem se consolidando no cenário da literatura brasileira e, com o passar dos anos, vem ampliando a gama das representações literárias tradicionais. Contudo, no cenário internacional, poucas vozes femininas ainda são reconhecidas via tradução e o número de obras traduzidas para a língua inglesa ainda é muito inferior em relação ao restante da literatura produzida. Ainda que as vozes femininas estejam ganhando visibilidade no cenário da literatura internacional por meio de textos traduzidos para língua inglesa observa-se que o espaço reservado à escrita gênero é muito inferior ao restante do espaço reservado à veiculação de textos produzidos por escritores homens.

Neste sentido, nos interessa observar a representação da literatura de autoria feminina brasileira no país, bem como sua veiculação fora do contexto nacional via tradução, atentando para o espaço reservado às escritoras negras neste contexto. O objetivo tornar-se, também, avaliar em que medida a tradução e, assim, as escolhas feitas pelo sujeito-tradutor se refletem no processo tradutório do texto.

Como escolha para observação optamos por uma obra que abarcasse as teorias relacionadas à tradução, bem como, a questão da literatura de autoria feminina brasileira negra. Decidimos, portanto, trazer para o interior das margens da discussão o romance *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, primeiro romance produzido por uma escritora negra a ser traduzido para a língua inglesa, eleito como referencial importante para os estudos culturais, no Brasil e no exterior.

Em *Quarto de Despejo*, texto em forma de diário publicado pela primeira vez no ano de 1960, Carolina Maria de Jesus retrata a realidade vivida na favela do Canindé em São Paulo. Autora e protagonista da própria história, Carolina Maria de Jesus evidencia o cotidiano dos indivíduos deixados à margem da sociedade, denuncia a realidade cruel existente na favela e coloca-se como próprio exemplo da diferença existente na sociedade. Embora *Quarto de despejo* (1960) tenha tido grande repercussão na década de 60 com a sua publicação, e tenha sido traduzido posteriormente em 13 idiomas, a obra pode nos dias de hoje ser considerada como instrumento de denúncia à realidade perversa ainda encontrada no cenário social do Brasil.

A leitura, conseqüentemente, com base na teoria e perspectiva proposta possibilita a reflexão sobre a representação da escrita feminina negra brasileira dentro e fora do país; a observação de como o conteúdo ideológico-cultural do texto original é preservado; e o modo como as escolhas feitas pelo tradutor no processo tradutório sustentam a força narrativa do texto ao descrever a dura realidade vivida pela mulher negra habitante da periferia da sociedade brasileira da época em questão.

2 | A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA DE GÊNERO

A consolidação da literatura de autoria feminina, cuja trajetória, timidamente iniciada em meados do século XIX, ganha consistência no transcorrer do século XX, suscita, conforme têm demonstrado muitas pesquisas no âmbito dos estudos de gênero, novas possibilidades, inclui outras perspectivas sociais e amplia a gama das representações literárias tradicionais. É sabido, igualmente, que o cânone literário ocidental, historicamente constituído de obras escritas por homens, brancos e da elite sociocultural, é impregnado de ideologias dominantes, as quais lhe regem os códigos de produção e de representação. Daí não comportar qualquer tipo de produção literária que não corresponda aos modelos propostos pela hegemonia dominante, masculina, branca e de classe alta. A marginalização, repressão e/ou exclusão de determinados grupos sociais, étnicos e sexuais como mulheres, “não brancos” e “membros de segmentos menos favorecidos da pirâmide social” (REIS, 1992, p.73) do universo da Literatura encontra aí sua motivação.

Tradicionalmente, as mulheres foram consideradas como inferiores aos indivíduos do sexo masculino, não só na esfera cultural, mas também na social, histórica e política. Um estado de coisas gerado pela política do patriarcalismo, cuja ênfase estava em questionar a capacidade intelectual da mulher, neutraliza-lhe a cidadania e seu direito de se constituir como sujeito. No campo literário e cultural a experiência feminina sempre vista de forma não valorativa justifica o surgimento, em meados do século XX, de ações no sentido de conscientizar os indivíduos da necessidade de desconstruir a opressão e a marginalização da mulher – construída ao longo da história. Isto é o que se chama de *feminismo*, um movimento político, social e filosófico que pregava a igualdade social entre os sexos, com o intento de eliminar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade (BONNICI, 2007, p. 86).

Do mesmo modo, a crítica literária feminista, surgida nos Estados Unidos e na Europa a partir dos anos 1960 e 1970, avança o processo de desconstrução dos padrões literários existentes, calcados em ideologias de gênero. As mulheres, até então silenciadas e marginalizadas, foram impulsionadas a emancipar-se no campo literário e a lançar questionamentos sobre os discursos hegemônicos, desnudando-lhes o modo de funcionamento, desmascarando os processos de naturalização das diferenças hierarquizadas de gênero e, conseqüentemente, problematizando o cânone literário estabelecido. Contudo, como aponta Lúcia Zolin (2007), essas conquistas obtidas por meio do movimento feminista não garantem a igualdade almejada pelas mulheres entre os sexos, mas, promovem um novo modo de se fazer literatura, a partir da perspectiva da mulher, quase sempre, feminista.

Historicamente, antes do surgimento das primeiras manifestações literárias de autoria feminina, o sujeito detentor do direito ao discurso - e, assim, do poder - era do sexo masculino, branco, de classe média alta, e as representações até então erigidas se davam unicamente por esta perspectiva social, atestando o silenciamento

e invisibilidade até então reservadas ao sexo feminino.

A crítica literária feminista irrompe neste contexto justamente com o intento inicial de desestabilizar o conceito de representação (ideológica e tradicional) da mulher dentro da literatura até então produzida. A crítica literária feminista passa a agir no sentido de possibilitar a representação de perspectivas sociais que o cânone literário masculino não fora capaz de evidenciar, descortinando a história tradicional e sexista da representação das mulheres no terreno literário de autoria masculina e assim permitindo a inclusão de vozes antes marginalizadas, tanto na produção dos textos, quanto na representação literária, o que contribuiu para que essas vozes fossem imersas no campo literário - portanto, que fossem legitimadas.

O lugar tradicionalmente reservado à mulher na sociedade e, concomitantemente na literatura, legitimado pelo discurso hegemônico, é o do silenciamento (SPIVAK, 2010); mas com a produção literária de autoria feminina, as personagens ganharam o direito à voz, tornando-se, não raro, narradoras e, como tal, passaram a representar experiências femininas que se distanciam da perspectiva hegemônica masculina. As práticas discursivas criadas a partir da perspectiva da mulher levam consigo novas formas de avaliar os papéis dos gêneros naturalizados pelas culturas patriarcais ao longo da história. Assim, a partir da produção literária de autoria feminina, a noção de representação ganha um novo sentido, traduzido em termos de representatividade das diversidades sociais e, em especial, de identidades femininas antipatriarcalistas (ZOLIN, 2010).

Embora os primeiros textos produzidos por mulheres no Brasil se mostrem retraídos no sentido de representar e discutir as relações de gênero, reiterando os padrões dominantes, como demonstra Xavier (1999), com o passar do tempo as produções femininas foram ganhando espaço e voz na literatura e passaram a difundir a forma feminina de pertencer a uma categoria de gênero historicamente subjugada e oprimida.

Neste sentido, a literatura de autoria feminina, por suas diversas formas de representação da realidade, concebeu e tem concebido novas formas de revelar a mulher, que permaneceu por tanto tempo silenciada na literatura e na realidade extraliterária.

3 | A ESCRITA PRODUZIDA POR MULHERES NEGRAS

Embora seja consenso o fato de a literatura de autoria feminina ter conquistado espaço no universo literário brasileiro e tenha se tornado vasta a seara de escrituras disponibilizadas por “penas” femininas, o espaço reservado à mulher negra nesse cenário ainda é bem pequeno: tanto a representação de escritoras negras no mercado editorial, quanto a representação de personagens negras, especialmente as do sexo feminino, no universo literário em geral.

Observa-se que a população negra, em decorrência dos discursos ideológicos

de poder de que se encontra impregnada a sociedade (em sua maioria de caráter racista), é afastada dos espaços de poder e de produção de discursos, característica que se reflete também na literatura. Regina Dalcastagnè (2008) dá destaque à questão da representação do negro na literatura brasileira, problematizando a pequena quantidade de autores/as e personagens negras nos romances publicados entre os anos de 1990 e 2004 por três grandes editoras brasileiras (Companhia das Letras, Record e Rocco). Os resultados da pesquisa coordenada pela pesquisadora acerca da personagem que povoa o corpus acima referido apontam que, de um total de 165 escritores/as avaliados/as, 72,7% são homens. No que toca à questão de categorias étnico raciais, os valores obtidos são ainda mais alarmantes: do total de escritores e escritoras levantados/as na pesquisa, 93,9% são brancos/as, sendo que 3,6% não tiveram sua cor identificada pela abordagem da pesquisa e, os “não brancos” não passaram dos 2,4% apontando para o espaço restrito reservado à autoria negra na produção literária no país.

Das personagens analisadas, 80% são brancas, e em casos mais delimitados, em que as personagens negras se apresentam como protagonistas ou como narradoras, a porcentagem é ainda mais alarmante. Quando os negros são representados, comumente aparecem em posição secundária, não ocupando o papel de protagonista, muito menos o de narrador/a, ou ainda ocupam posição subalterna, muitas vezes, estereotipada.

No espaço literário notam-se diversos silenciamentos e invisibilidades de múltiplas perspectivas sociais, conforme constata Dalcastagne (2008). Segundo Iris Young (2000, p.136), a “perspectiva social” implica a constatação de que, posicionadas diferentemente dentro de uma sociedade, as pessoas portam experiências histórias e conhecimentos sociais diversos, oriundos desta posição. Pessoas de categorias socioculturais diferentes - como homens e mulheres, patrões e trabalhadores, brancos e negros, etc. - possuem concepções distintas de mundo e se expressam de maneiras diferentes. Por isso é importante salientar a participação de perspectivas comumente deixadas à margem do discurso tradicionalmente produzido e suscitar o reconhecimento e visibilidade de textos, por exemplo, de escritoras negras, assim como integrar na narrativa personagens femininas negras detentoras de voz, para que outras expectativas sociais sejam desveladas e assim se conheça o outro lado da margem.

No que toca à representação da mulher negra na produção literária brasileira de autoria feminina ao longo da história, percebe-se que a voz da mulher negra foi praticamente inexistente, ou quando existente, não foi devidamente reconhecida: seja por meio das vozes de suas escritoras; seja através das próprias personagens inscritas nos romances canônicos. Se esta é a realidade da literatura produzida por mulheres negras no cenário nacional, conclui-se que a veiculação de textos traduzidos deste tipo de literatura em um cenário internacional é muito mais afetada.

O acesso da mulher negra ao universo da produção literária tem aberto caminhos

para a problematização da histórica opressão de gênero e de raça lançada na representação de sua imagem ao longo dos anos. Certamente, a inserção da mulher de descendência negra na literatura não foi - e não tem sido - um trabalho simples, mas é por meio da literatura que a essa mulher é possibilitado projetar sua voz para sua “libertação”.

4 | CHILD OF THE DARK

A crítica literária contemporânea tem se mobilizado no sentido de mapear o campo literário brasileiro e apresentar a frequência com que o negro é representado na literatura, seja como produtor, seja como personagem. *Quarto de despejo* (1960), traduzido por David St. Clair como *Child of the dark* (1962), serve como campo para a investigação de como a literatura de autoria feminina negra circula em um contexto internacional via tradução, promovendo, também, uma reflexão de como essas vozes marginais são representadas em outros contextos culturais mediante um processo tradutório.

Por muito tempo acreditou-se que a relação estabelecida entre um texto traduzido e seu original deveria fundamentar-se em uma fidelidade entre ambos, ou seja, que a tradução deveria ser uma cópia “fiel” ao texto de partida, reproduzindo de forma literal o texto em sua língua de partida para a língua de chegada. A partir desta vertente, considerada como tradicional ou conservadora dos estudos da tradução, a tradução era encarada, portanto, como uma mera transferência, uma transposição ou ainda uma simples reprodução do texto onde o tradutor desempenhava um papel passivo e neutro durante o processo tradutório. Cabia a ele, deste modo, apenas decodificar o texto em sua versão base e reproduzi-lo, sem transformações, na língua de chegada.

Em *A tarefa-renúncia do tradutor* (2001), Walter Benjamin questiona esta visão tradicionalista, até então aplicada ao processo tradutório, de que a tradução deveria ser uma cópia fiel ao texto fonte, ou seja, igualar o sentido de sua versão traduzida ao texto original. Para Benjamin (2001, p.203), assim como para os estudos pós-modernos da tradução, não é possível que se restitua de modo idêntico a “intenção” de um texto ou de um autor, pois, assim como ele mesmo afirma, “a tradução não se vê [...] mergulhada no interior da mata da linguagem, mas vê-se fora dela, diante dela e, sem penetrá-la, chama o original para que adentre aquele único lugar, no qual, cada vez, o eco é capaz de reproduzir na própria língua a ressonância de uma obra da língua estrangeira”.

A tradução, portanto, ao invés de reproduzir o sentido original do texto, é entendida por Benjamin (2001, p.207 – grifos nossos) como um processo responsável por reconfigurar, em sua própria língua, chegando até os mínimos detalhes, o modo de designar do original, fazendo com que ambos os textos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso. Deste modo, o autor entende a tradução como uma prática em que se reconfigura, na língua

de chegada, o sentido do texto original e não como uma mera atividade tradutória fiel ao texto fonte, garantindo, também, a sobrevivência da obra ao longo dos anos por meio da tradução.

Em *Torres de Babel* (2002), Jacques Derrida retoma a discussão previamente apresentada nos estudos de Benjamin sobre a dívida contraída e impagável da tradução. De acordo com Derrida, a dívida assumida por não se alcançar a essência primária do texto original não é do tradutor, mas, do próprio texto “original”, que já nasce endividado. O texto original é o “primeiro devedor, o primeiro demandador, ele começa por faltar – e por lastimar após a tradução” (DERRIDA, 2002, p.40), ou seja, o tradutor deve ser isento da culpa de não conseguir resgatar o sentido primário do texto “original”, sendo que este, já em sua própria fonte se faz incompleto.

A tarefa do tradutor, deste modo, deveria ser a de resgatar o “não dito” pelo texto fonte. A tradução para Derrida (2002, p.47), assim como a metáfora usada por Benjamin sobre a tangente, “toca o original de forma fugitiva e somente em um ponto infinitamente pequeno de sentido”. Partindo deste pensamento, chega-se a concepção de Lefevere (2007) sobre o processo tradutório. De acordo com o teórico a tradução não passa de uma reescritura, uma manipulação do texto original e que apenas o toca em um determinado ponto, assinalando a impossibilidade de se recuperar de modo fiel o que foi dito no texto de partida.

Alguns fatores devem ser levados em consideração durante o processo tradutório de um texto: a presença de outro escritor, de outra intenção, de outra língua e de outra cultura, conseqüentemente, suscita para a impossibilidade de se alcançar uma tradução que retrate de modo fiel sua fonte. Para Lefevere (2007), toda tradução é uma reescritura e, independente de sua intenção, leva consigo uma carga ideológica e poética que manipula a literatura de modo que ela funcione em um determinado contexto.

Na mesma linha teórica sobre os estudos da tradução, Theo Hermans (1996) contempla o processo tradutório como a criação de um novo texto, distinto de sua fonte, e aponta para as diversas ambivalências, paradoxos e pluralidades geradas pela tradução. Para o autor, sendo as línguas e as culturas sistemas dinâmicos, não somente a língua será modificada no processo tradutório, mas toda a situação comunicativa - o contexto, o objetivo, a função. A tradução não deve ser vista como inocente, pura ou fiel, mas como um ato social, histórico e ideologicamente construído a partir da intervenção de um sujeito-tradutor que fará suas escolhas com base em suas histórias de leitura, suas ideologias, sua cultura... apontando para a impossibilidade da tradução de um texto de forma passiva ou neutra.

Consciente dos postulados teóricos citados e da perspectiva proposta pelos estudos pós-modernos da tradução, *Quarto de despejo* (1960) e sua tradução, *Child of the dark* (1962), devem ser consideradas obras distintas e, portanto, singulares em seu espaço de circulação. Embora o texto traduzido, ou seja, a reescritura aponte para a impossibilidade de se recuperar de modo fiel o dito pelo texto original, nota-se

que em *Child of the dark* (1962) o sujeito-tradutor procura preservar a linguagem de Carolina Maria de Jesus, como se observa no trecho abaixo:

“31 DE JULHO – Acendi o fogo e fui buscar água. Mandei o José Carlos buscar 6 de açúcar. O Luiz que fez a cerca para mim entrou e sentou-se. Eu disse-lhe que eu ia sair e quando saio gosto de deixar os meus filhos sosinhos.

Eu saí correndo e fui catar papel. Havia pouco papeis nas ruas. Eu já estou aborrecendo de catar papel, porque quando eu chego no deposito tem a Cicilia que trabalha lá e é muito bruta. Insulta-me e eu finjo não ouvir. Diz que sou fidida. Dia 27 a Cicilia não deixou o José Carlos ir no mitorio. A Cicilia é tão bruta que a sua presença afasta o dono no deposito.

Hoje eu não estou nervosa. Estou triste. Porque eu penso nas coisas de um jeito e corre de outro. O Antonio Nascimento que residia aqui na favela mudou-se. Ele e a sua companheira. Eles estavam mal colocados aqui na favela. Ninguém apreciava eles aqui na favela. Porque ele abandonou os 4 filhos, e ela os 3 filhos. 7 crianças sofrendo por causa dos pais. O que ela lucrou deixando o seu esposo e os filhos? Largou um homem calçado e pegou outro descalço.” (JESUS, 1960, p. 93).

“July 31 – I lit the fire and went to look for water. I set José Carlos for six *cruzeiros* worth of sugar. Luiz, who made the fence for me, came in and sat down. I told him that I was going out and when I went I preferred to leave my children by themselves.

I hurried out looking for paper. There was little paper in the streets. I'm getting sick of picking up paper, because when I get to the junk yard there is a woman named Cecilia who works there and she is a bitch. She insults me and I pretend I don't hear. She says I stink. On the 27th Cecilia didn't let Jose Carlos use the toilet shed. She is such a bitch that her presence even keeps the junk yard owner away.

Today I am not nervous. I am sad. Because I think things will turn out one way and they turn out the other. Antonio Nascimento, who lived here in the *favela*, moved. He and his “companion” were not happy here. Nobody wanted them in the *favela*. Because he ran out on four children and she on three children. Seven children suffering because of their parents. What did she gain by leaving her husband and children? She left a man with shoes to go with one who is barefoot.” - (tradução: David St. Clair)

A impossibilidade de se produzir uma cópia “fiel” ao texto original é comprovada a partir do uso da língua no texto em português onde se observa o emprego de uma linguagem simples e afetada em diversos níveis (sosinhos – *by themselves*; mitorio – *toilet shed*; fidida – *stink*; bruta – *bitch*; O Antonio Nascimento que residia aqui na favela mudou-se. Ele e a sua companheira. Eles estavam mal colocados aqui na favela. – *Antonio Nascimento, who lived here in the favela, moved. He and his “companion” were not happy here.*).

Outro fator observado ao longo da narrativa é a manutenção de vocábulos da língua portuguesa brasileira que, se substituídos por outros termos da cultura do texto em sua versão traduzida, enfraqueceriam o tom da cultura nacional brasileira e o discurso de denúncia à realidade vivida por centenas de pessoas na favela do Canindé em São Paulo:

“3 DE AGOSTO - ...Hoje os meninos vão comer só pão duro e feijão com farinha. Eu estou com tanto sono que não posso parar de pé. Estou com frio. E graças a Deus não estamos com fome. Hoje Deus está ajudando-me. Estou indecisa sem saber o que fazer. Estou andando de um lado para outro, porque não suporto permanecer no barracão limpo como está. Casa que não tem lume no fogo fica tão triste! As panelas fervendo no fogo também serve de adorno. Enfeita um lar.

Fui na dona Nenê. Ela estava na cozinha. Que espetáculo maravilhoso! Ela estava fazendo frango, carne e macarronada. Ia ralar meio queijo para por na macarronada!

Ela deu-me polenta com frango. E já faz uns 10 anos que eu não sei o que é isto.

...Na casa de dona Nenê o cheiro de comida era tão agradável que as lágrimas emanava-se dos meus olhos, que eu fiquei com dó dos meus filhos. Eles haviam de gostar daquele quitutes.” (JESUS, 1960, p. 94).

“August 3 – Today the children are only going to get hard bread and beans with *farinha* to eat. I am so tired that I can't even stand up. I am cold. Thank God we're not starving. Today He is helping me. I am confused and don't know what to do. I am walking from one side to the other because I can't stand being in a shack as bare as this. A house that doesn't have a fire in the stove is sad! And pots boiling on the fire also serve as decoration. It beautifies a place.

I went to Dona Nene. She was in the kitchen. What a marvelous sight! She was cooking chicken, meat, and macaroni. She grated half a cheese to put on the macaroni!

She gave me some *polenta* with chicken. It's been ten years... I almost didn't know what it was.

The smell of food in Dona Nene's house was so pleasant that tears streamed out of my eyes, because I felt so sorry for my children. They would have loved those delicacies.” – (tradução: David St. Clair)

Deste modo, embora não se note grandes modificações na estrutura composicional e vocabular do texto na transposição de uma língua para a outra, a tradução não fica isenta de escolhas feitas pelo tradutor durante o processo tradutório, provando que o texto, quando traduzido, se reconfigura de modo a apenas tocar tangencialmente no sentido do texto original.

Ainda, a questão da preservação de termos da cultura brasileira em *Child of the dark* (1962), vai contra a ideia proposta por Lawrence Venuti (2002) sobre a domesticação de textos estrangeiros. Para o autor, o texto traduzido tende a se moldar linguisticamente e culturalmente à literatura doméstica – sejam por razões políticas, acadêmicas, mercadológicas etc – atendendo aos interesses da cultura local que o recebe, inscrevendo “valores lingüísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas” (VENUTI, 2002, p.129).

Neste caso, a realidade vivida pela sociedade brasileira favelada relatada em *Quarto de despejo* (1960) encontra-se tão distante da realidade vivida pela cultura americana que certos vocábulos são preservados em português pela falta de termos equivalentes na cultura de chegada do texto traduzido (“*Ah, São Paulo! A queen that*

vainly shows her skyscrapers that are her crown of gold. All dressed up in velvet and silk but with cheap stockings underneath - the favela”), representando a realidade da sociedade brasileira da época e fazendo com que a realidade existente no país seja reconhecida em um contexto internacional.

A tradução é o meio utilizado por uma obra para garantir sua visibilidade internacional permitindo, assim, acessibilidade a seus leitores. Nos últimos anos temos visto o número de obras traduzidas de escritoras brasileiras aumentarem, dando visibilidade a novos nomes no cenário internacional e que, a partir da tradução, têm sido colocadas ao lado de grandes escritores brasileiros já traduzidos. Nomes como Adélia Prado, Clarice Lispector, Helena Parente Cunha, Lya Luft, Lygia Fagundes Telles, Lygia Bojunga Nunes, Nélida Piñon e Conceição Evaristo já circulam em um contexto internacional via tradução. No entanto, é consenso afirmar que, embora o número de traduções de textos de autoria feminina tenha aumentado no cenário da literatura internacional, o número de escritoras negras traduzidas e em circulação neste espaço ainda é muito restrito.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de autoria feminina brasileira tem sido tema recorrente em trabalhos acadêmicos na tentativa de evidenciar vozes antes silenciadas na literatura. As traduções desses textos contribuem para os estudos da tradução, bem como para a observação de como as traduções desempenham um papel muito importante no contato entre culturas distintas.

Como observamos a tradução não é mais vista, pelo menos na vertente pós-moderna, como um tipo de escritura menor, inferior, derivativa, mas sim outra escrita, resultante de outra situação enunciativa, outro contexto, com outro propósito, de fato, outro texto.

A narrativa *Child of the dark* (1962) permite observar a circulação de um texto traduzido para a língua inglesa de grande representatividade nacional e internacional. *Quarto de despejo* (1960) ao se tornar *Child of the dark* (1962) possibilita a observação de um processo tradutório que vai além das margens do texto escrito.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A tarefa renúncia do tradutor**. In: HEIDERMAN, W (Org.) *Clássicos da Teoria da Tradução*. Trad. de Susana K. Lages. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001. p. 188-215.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos**: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 87-110.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HERMANS, Theo. **Translation's Other. Inaugural Lecture**. London: University College London, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1960.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescritura e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

REIS, Roberto. **Canôn**. In: JOBIM, José Luis (Org.). *Palavras de crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

SPIVAK, Chakravorty Gayatry. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ST. CLAIR, David. **Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus**. New York: Mentor, 1962.

VENUTI, L. **Escândalos da Tradução**. Trad de PELEGRIN, L. et all. Bauru : EDUSC, 2002.

XAVIER, Elódia. **Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória**. Revista Mulheres e Literatura, Rio de Janeiro, ano 3, vol.1, 1999. Disponível em: << http://www.litcult.net/revistamulheres_vol3.php?id=225>> Acesso em: jul. 2013.

YOUNG, Iris Marion. **Inclusion and democracy**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ZOLIN, Lúcia Osana. **O matador, de Patrícia Melo: gênero e representação**. Revista Letras, Curitiba, n.71, p. 53-63, jan./abr.2007. Editora UFPR.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade**. Letras, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-75-8



9 788585 107758